

# Altermarxisme – un autre marxisme pour un autre monde

Jacques Bidet e Gérard Duménil,  
Paris, Presses Universitaires de France, 2007, 297 pp.

ARMANDO BOITO JR.\*

Antes de apresentarmos o livro que vamos resenhar, é bom dizer uma palavrinha sobre os seus autores.

Jacques Bidet e Gérard Duménil são intelectuais marxistas franceses, editores da prestigiosa revista *Actuel Marx*, e que, recentemente, começaram a ter o seu trabalho mais divulgado no Brasil. Porém, as suas principais obras, infelizmente, ainda não possuem tradução entre nós. Jacques Bidet, trabalhando como filósofo, mas também como sociólogo, vem acumulando uma reflexão teórica de qualidade e inovadora sobre a obra de Marx. Essa reflexão está presente em toda a sua extensa produção, mas apareceu de forma mais sistemática na sua complexa obra intitulada *Théorie générale – théorie du droit, de l'économie et de la politique* (Paris, PUF, 1999). Mais recentemente, publicou

*Explication et reconstruction du Capital* (Paris, PUF, 2004). Gérard Duménil é um economista com contribuição original e de qualidade para a teoria econômica marxista e para o estudo do modelo neoliberal de capitalismo. Dentre os seus livros recentes, poderíamos destacar *Crise et sortie de la crise – ordre et désordres néolibéraux* (Paris, PUF, 2000) e *Économie marxiste du capitalisme* (Paris, La Découverte, 2003) – ambos escritos em parceria com Dominique Lévy. *Crítica Marxista* já publicou ensaios de Bidet e de Duménil e ambos já participaram mais de uma vez do *Colóquio Internacional Marx e Engels* do Cemarx-Unicamp.

Passemos ao livro. O projeto intelectual desse livro é muito ambicioso. Os autores pretendem fazer uma revisão da teoria marxista do capitalismo

\* Professor do Departamento de Ciência Política da Unicamp.

para, a partir daí, apresentar uma nova síntese da história do capitalismo no século XX e, finalmente, discutir um novo programa para o socialismo do século XXI. É claro que uma resenha não pode, de maneira alguma, relatar, e muito menos comentar, todas essas partes do livro e as teses que cada uma delas contém.

Bidet e Duménil mobilizam, nessa obra, grande parte da reflexão que vêm fazendo ao longo das duas últimas décadas e o resultado realmente impressiona. À reflexão de Jacques Bidet sobre a falha teórica de *O Capital* de Marx, integra-se, perfeitamente, a teorização socioeconômica de Gérard Duménil sobre as três classes (e não apenas duas) fundamentais do capitalismo. Jacques Bidet já sustentara em outras obras que, se Marx estabeleceu teoricamente a distinção entre mercado e organização, ele, ao mesmo tempo, não tratou de maneira teoricamente equilibrada a presença desses dois fatores no capitalismo, enfatizando teoricamente, de maneira unilateral, a regulação pelo mercado. Gérard Duménil já falara da classe dos gestores – os cientistas, técnicos e administradores incumbidos de organizar o processo de trabalho e a produção. Agora, nesse livro escrito a quatro mãos, a organização, como dimensão inarredável do capitalismo, encontra-se com o seu suporte, a classe dos gestores, e, dessa junção, os autores procuram extrair inúmeras conseqüências. A principal delas é a necessidade de se pensar um neomarxismo, por oposição ao marxismo clássico.

Esse neomarxismo tem um olhar crítico sobre o marxismo dominante no século XX. A idéia é que o marxismo dominante do século XX, considerado, seja como teoria, seja como movimento político, ao descurar da reflexão teórica sobre a organização e ao trabalhar com apenas duas classes sociais (burguesia e operariado), ocultou a classe dos gestores e, nessa ocultação, permitiu que os interesses e valores dessa classe penetrassem no movimento operário e finalmente o dirigissem. Os partidos social-democratas e comunistas seriam, dessa perspectiva, partidos que representariam uma aliança dos operários com a classe dos gestores e, como indicamos, aliança que esteve sob a direção dessa última classe social. No Estado de bem-estar social na Europa ocidental, essa aliança teria logrado restringir, sem eliminar, o poder da burguesia; nos países de “socialismo real”, os gestores teriam se tornado a própria classe dominante. Esclareçamos: para Bidet e Duménil, o problema não reside propriamente em tal aliança. Eles a consideram necessária, inclusive na luta atual contra o capitalismo neoliberal. A classe dos gestores é concebida pelos autores como uma classe intermediária entre a burguesia e as classes trabalhadoras – camponeses, operários, empregados de escritório etc. A aliança com os gestores seria um trunfo importante na luta de classes, trunfo esse disputado tanto pela burguesia quanto pelas classes trabalhadoras. O que os autores criticam no marxismo dominante do século XX é que, ao ter

mantido a classe dos gestores inominada, tal marxismo teria facilitado a ação dessa classe para a conquista da direção do movimento socialista. Na verdade, os autores acabam concluindo, como indiquei, que a própria teoria marxista do século XX padece de um limite teórico de classe: mantendo o silêncio teórico sobre o estatuto da organização no capitalismo, essa teoria também refletiria, no seu interior, a hegemonia da classe dos gestores. Isso, justamente, porque o vazio teórico sobre a organização autorizaria a tese segundo a qual o socialismo seria o contrário do mercado, isto é, o socialismo seria pura e simplesmente organização. Ora, como lembram os autores, a história do século XX mostrou que a organização não é sinônimo de emancipação. Pelo contrário, ela se mostrou compatível com a dominação.

Para os autores, a aliança das classes populares com a classe dos gestores deve comportar, como toda aliança, a unidade e a luta. A unidade dar-se-ia em torno de um programa antiliberal; a luta, na crítica aos privilégios da classe dos gestores, como a luta contra a segregação escolar e a burocratização. Nesse ponto, teórica e politicamente muito importante da obra, os autores poderiam ter tomado em consideração o debate existente no marxismo sobre o tema. Lênin polemizou com Bukárin em torno da conhecida questão de saber se o poder soviético deveria, ou não, conceder privilégios salariais para os engenheiros e administradores e quais seriam as conseqüências dessas conces-

sões. Ambos concordavam que, dadas as condições catastróficas da economia soviética de então, as concessões deveriam ser feitas, mas Lênin, ao contrário de Bukárin, as via como concessões que gestavam relações capitalistas que Lênin denominava capitalismo de Estado. É sabido que polêmicas como essas ressuriram por ocasião da Revolução Cultural na China. Quem trabalhou muito esse tema foi Charles Bettelheim, autor que também poderia enriquecer a análise de Bidet e Duménil. Bettelheim, bem como outros estudiosos da experiência chinesa, falavam na necessidade de substituição da gestão dos especialistas pela gestão de massas. Essa discussão está no centro das preocupações de Bidet e Duménil. Finalmente, a sociologia crítica da educação capitalista, tal como a praticada por Baudelot e Establet, da escola althusseriana, ou por Pierre Bourdieu e outros, também teria uma palavra a dizer sobre os caminhos e sobre a possibilidade real de se combater o privilégio escolar dos quadros e dos gestores. Esse combate é possível no capitalismo? E no socialismo: como levá-lo à prática de uma maneira eficaz?

Na última parte do livro, os autores discorrem sobre o Estado-mundo que estaria em gestação e sobre o povo-mundo que seria o novo agente político da transformação em escala mundial. O Estado-mundo, além de ser uma crescente aspiração das classes populares no plano mundial pela administração comum do planeta como patrimônio de uma humanidade composta de homens

livres, iguais e racionais, seria, também, segundo os autores, uma tendência efetiva da globalização neoliberal. Tal tendência apareceria em organizações como a ONU, OMC e o FMI, bem como na “passagem progressiva para uma legalidade mundial”. Tal tendência seria contrabalançada pelo poder imperialista dominante (EUA), que tem interesse em minar o Estado-mundial em gestação. Vale a pena destacar que, como aspiração, o Estado-mundo é uma figura que decorre da concepção de Jacques Bidet sobre a metaestrutura da modernidade, e, na verdade, revela a força dessa noção teórica que, infelizmente, o espaço de uma resenha não nos permite expor. Porém, é de se perguntar se, como tendência efetiva, seria correto falarmos em Estado-mundo. Deveríamos nos perguntar se o Estado capitalista, que, obrigatoriamente, como todo e qualquer Estado, monopoliza as forças da repressão, e, como Estado especificamente capitalista, concede cidadania a todos habitantes de um determinado território, se tal Estado poderia ser uno quando se sabe que tem por base uma economia de tipo capitalista, cujo desenvolvimento é, por definição, desigual. Os autores não aceitam a tese de uma burguesia global. Cabe, então, a pergunta: seria viável uma força repressiva única mundial? Quanto à cidade-

nia, ela poderia ser a mesma para africanos, europeus, latino-americanos e estadunidenses?

Ao Estado-mundo corresponde o povo-mundo: um novo agente político da era da globalização. Sobre esse novo agente, fica a dúvida de saber se Jacques Bidet e Gérard Duménil não teriam sobreestimado a sua unidade real ou potencial. Contendo classes sociais tão distintas, como o campesinato, o operariado, os trabalhadores de escritório, e distribuídas em espaços econômicos tão desiguais, como são os países imperialistas e dependentes, quais seriam as possibilidades efetivas de unir estrategicamente esse grande e heterogêneo conglomerado. A questão mereceria mais discussão.

Escolhi, para apresentar o livro aos leitores no espaço restrito de uma resenha, alguns de seus temas, análises e teses. Muita coisa foi deixada de lado: a importante e inovadora noção de metaestrutura de Jacques Bidet e a forma como os autores a utilizam para pensar em novos termos a passagem ao socialismo, o importante capítulo sobre aquilo que denominam o “capitalismo organizado” do século XX, as análises finas da obra de Marx e a discussão sobre as classes no capitalismo atual. Mas é impossível apresentar toda essa riqueza de temas e teses ao leitor. Fica o convite para a leitura do livro.

BOITO Jr., Armando. Resenha de: BIDEET, Jacques; DUMÉNIL, Gerard. Altermarxisme – un autre marxisme pour un autre monde. Paris: Press Universitaires de France, 2007, 297 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.183-186.

***Palavras-chave:*** Marxismo; Capitalismo; Socialismo; Século XX.